Clínica & Cultura

Da pulsão anarquista ao trabalho de cultura: a transgressão vital no pensamento de Nathalie Zaltzman

From the anarchist drive to the cultural work: the vital transgression in Nathalie Zaltzman's work

Rony Natale[1]
Monah Winograd[2]
Ney Klier[3]

Resumo: Neste artigo, é demonstrado o aspecto transgressivo que caracteriza duas proposições maiores no pensamento da psicanalista francesa Nathalie Zaltzman em sua releitura da obra freudiana: a pulsão anarquista e o trabalho de cultura. A pulsão anarquista é apresentada como o viés transgressivo da pulsão de morte, reunindo suas forças em resistência e luta contra ameaças que comprometem a manutenção da vida física e psíquica. O trabalho de cultura, por sua vez, comparece como o viés transgressivo do trabalho de civilização. Enquanto o último se empenha em camuflar determinadas dimensões inerentes à existência humana como, por exemplo, a constituição psíquica do mal, o primeiro pretenderia transformá-las, transpondo em saber compartilhável tais dimensões. Sem necessariamente refutar o pessimismo freudiano quanto ao progresso da humanidade, Zaltzman indicaria justamente pela via das transgressões (pulsional e cultural) possíveis saídas e resoluções frente ao desamparo e à destrutividade que permeiam a condição humana.

Palavras-chave: pulsão anarquista; trabalho de cultura; pulsão de morte; civilização; psicanálise.

Abstract: In this article, we intend to demonstrate the transgressive aspect that characterizes two major propositions in the thought of the french psychoanalyst Nathalie Zaltzman in her re-reading of the Freudian work: the anarchist drive and the work of culture. The anarchist drive is presented as the transgressive bias of the death drive, gathering its forces in resistance and fight against threats that compromise the maintenance of physical and psychic life. The work of culture, in turn, appears as the transgressive bias of the work of civilization. While the latter endeavors to camouflage certain dimensions inherent in human existence, such as the psychic constitution of evil, the former would seek to transform them, transposing into shareable knowledge such dimensions. Without necessarily refuting Freudian pessimism about the progress of mankind, Zaltzman indicates precisely through the path of transgressions (instinctual and cultural) possible exits and resolutions in the face of the helplessness and destructiveness that permeate the human condition.

Keywords: anarchist drive; work of culture; death drive; civilization; psychoanalysis.

---

[1] Psicólogo, psicanalista, mestrando em Psicologia Clínica na PUC-Rio.

[2] Psicanalista; Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia (PUC-Rio); Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio; Coordenadora do Laboratório de Pesquisas Avançadas em Psicanálise e Subjetividade (LAPSU). Doutora em Teoria Psicanalítica (UFRJ).

[3] Psicólogo; Pós-Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia (PUC-Rio). Doutor em Teoria Psicanalítica (UFRJ). Bolsista (Pós-Doutorado) da FAPERJ.

Os remanejamentos na metapsicologia freudiana realizados a partir do controverso ensaio "Além do princípio de prazer" (Freud, 1920/2010c) deflagraram alguma resistência e rejeição ao novo modelo teórico ali proposto. A introdução da pulsão de morte evidenciou aspectos até então menos alarmantes na clínica como a radicalidade do desligamento, a severidade do trauma, a agressividade, o ódio, o comportamento maléfico do humano, impondo-se ao lado da pulsão sexual, da ligação e do desejo. O *tournant* de 1920 originou inelutáveis críticas às novas proposições de Freud.

Como nos afirma André Green (1988/1990), para muitos analistas, aceitar aquela novidade conotaria certa resignação do trabalho psicanalítico frente a um inimigo tão potente do sucesso terapêutico. Uma força cujo caráter regressivo operaria contra a adesão do sujeito ao tratamento e, mais radicalmente, contra os vínculos indispensáveis à manutenção da vida física e psíquica. Entretanto, outros analistas acolheram as mudanças propostas e se dedicaram à sua justificativa e ulterior desenvolvimento, mesmo décadas após a consolidação da segunda teoria pulsional.

Dentre eles, a francesa Nathalie Zaltzman, cuja produção teórica iniciou-se na década de 1970 e encerrou-se pouco antes de sua morte, em 2009. A psicanalista procurou revigorar o conceito de pulsão de morte, através de pertinentes observações e reflexões, destacando um viés transgressivo possivelmente negligenciado dessa força pulsional. Empenhou-se em considerá-la uma ferramenta de trabalho na clínica e não apenas um entrave ao tratamento. Utilizou argumentos e vivências extraídas de sua prática, a partir dos quais ofereceu uma leitura potencializadora e positivadora do conceito em questão. Mais do que isso, revelou dimensões não reportadas na literatura analítica desde o surgimento do novo modelo em 1920.

Nascida em 1933, de pais judeus russos exilados na França, com os quais fugiu para o sul do país durante a Segunda Guerra, Zaltzman foi marcada pelo contexto do holocausto e da violência, cujas reverberações sentiu na própria pele. A autora apresentou uma obra nitidamente influenciada por sua história e os impactos desta na

clínica que exerceu, sendo a pulsão de morte e os conceitos que a circundam bastante apropriados para suas leituras de mundo.

Ao investigarmos a produção teórica da autora (Zaltzman, 1979/1994, 1986/1998, 1988/2008, 1996, 1999, 2007) e de alguns de seus comentadores (Beetschen, 2012; Hirt, 2012; Tysebaert, 2012) observamos que a questão da transgressão comparece como fio condutor de seu pensamento, cumprindo um objetivo específico nos mais variados fenômenos da vida psíquica: assegurar saídas vitais quando forças mortíferas ameaçam um indivíduo ou um grupo.

O verbo "transgredir", segundo Houaiss (2005), geralmente comporta o sentido de "violar", "não cumprir", remetendo a uma ação negativa, que vai de encontro a uma lei, a uma regra. Todavia, esse verbo também remete a outros sentidos como "ir além de" e "atravessar". Qualquer uma dessas acepções nos permite indicar que a obra de Zaltzman se constitui por meio de um movimento de transgressão em relação a modelos teóricos acomodados, ao conceber vias de leitura e discussão do texto freudiano que escapam ao destino tradicional.

Neste artigo, pretendemos elucidar o interesse clínico e cultural de duas proposições maiores no pensamento de Zaltzman (1979/1994, 2007): a pulsão anarquista e o trabalho de cultura. Embora quase três décadas distantes uma da outra, aproximam-se substancialmente ao expressarem justamente a via transgressiva através da qual derivam escolhas vitais, a despeito da moral e do autoritarismo que, por vias diversas, adoecem ou põem a vida em risco.

A primeira proposição que abordamos, constante em "A pulsão anarquista" (Zaltzman, 1979/1994), obra *princeps* da autora, é o quinhão de luta pela vida atribuído à pulsão de morte, denominada por ela de "pulsão anarquista", em que o trabalho de desligamento garantiria a sobrevivência, ao promover a separação ou a resistência quando a vida se encontra submetida à precariedade absoluta e ao risco de morte.

A segunda, no livro "*L'esprit du mal*" (Zaltzman, 2007), última publicação da psicanalista, apresenta uma leitura específica do termo "trabalho de cultura" presente nos ensaios freudianos da década de 1930 (Freud, 1930/2010d, 1933/2010e). Por essa via, seria possível abordar tanto no âmbito individual quanto no coletivo, de forma mais

lúcida, menos comprometida com a moral civilizada, dimensões negadas do ser humano, como a presença do "mal" no funcionamento psíquico e nas relações objetais. Reconhecer essa dimensão, dar um lugar a ela, conforme a autora propõe (Zaltzman, 2007), evitaria o seu comparecimento por meio de atos violentos, bárbaros, verdadeiros obstáculos ao progresso da humanidade. Neste caso, inesperadamente, a transgressão se apresentaria justamente no rompimento com a perspectiva civilizatória. Esta buscaria, por todos os meios, afastar da dimensão humana seu quinhão maléfico, ocultando-o.

Embora Freud (1927/2014) recusasse diferenciar civilização e cultura, veremos como Zaltzman (2007) apreende o trabalho de cultura como o viés transgressivo do trabalho de civilização, sobretudo ao nele considerar uma potencialidade transformadora do "mal" inerente à condição humana. Nessa direção, romperia com precárias diretrizes moralizantes, ilusórias e ocultadoras do mal pretendidas pelo processo civilizatório de uma sociedade. Similarmente, a autora (1979/1994) tematiza a pulsão anarquista como o viés transgressivo da pulsão de morte, pois, em seu desordeiro movimento, violaria o destino à morte, à repetição e ao adoecimento.

Cabe observar que uma abordagem da obra de Zaltzman que não considere seu aspecto combativo, de afronta ao autoritarismo, não desvelaria o que se apresenta como a maior contribuição da autora à psicanálise: demonstrar como as vias transgressivas da pulsão de morte e do trabalho de cultura seriam vitais à fecundidade da clínica psicanalítica e ao progresso da humanidade. Portanto, em nossa linha de argumentação, organizada pelos princípios da transgressão, balizadores do pensamento da autora (Zaltzman, 1979/1994, 2007), demarcamos os pressupostos que permitem elucidar a seguinte hipótese: justamente pela via da morte, da dissolução, do rompimento brutal com determinados vínculos, seria possível fazer eclodir aquilo que reduz, interrompe ou impede a vida de prosseguir.

Primeira transgressão: a pulsão de morte como resistência à morte

> No que tange à conceituação da pulsão, um dos principais alicerces da metapsicologia freudiana, o percurso é inaugurado com a proposição de uma força existente entre as ordens do corpo somático e da representação, expressando a existência de necessidades sexuais no ser humano (Freud, 1905/2016; Birman, 2009). A libido, substrato energético dessa força, impulsionaria a atividade psíquica em direção a um objeto, indeterminado

> *a priori*, através do qual se realizaria a descarga. Uma quantidade de tendência pulsional, contudo, permaneceria no Eu, se diferenciando da libido (pulsão sexual voltada ao objeto), de modo a se defender, se preservar da impetuosidade dessa força no cumprimento da descarga. Esta dualidade entre pulsões do Eu (ou de autoconservação) e pulsões sexuais consistiu na primeira teoria pulsional (Freud, 1910/2013).

Na década de 1910, afirmou-se a ideia de um originário investimento libidinal do Eu, a partir do qual uma parcela é posteriormente cedida aos objetos. Compreendeu-se que as pulsões do Eu comportariam uma cota sexual, levando a uma mudança de concepção, que passou a estabelecer a dualidade entre libido do Eu e libido dos objetos (Freud, 1914/2010a). No mesmo período, ao esmiuçar o conceito de pulsão em "Os instintos e seus destinos", Freud (1915/2010b) esclareceu não haver diferenças qualitativas entre as pulsões, sendo a diferença entre as diversas correntes oriunda da magnitude das excitações e da função que exercem. "O que diferencia as operações psíquicas dos instintos entre si pode ser relacionado à variedade das fontes instintuais" (Freud, 1915/2010b, p. 60). No entanto, a ideia de uma dualidade precisava ser mantida de alguma forma, pois nela residia a explicação quanto ao fundamento do aparelho psíquico e seus mecanismos, dos quais resultavam os conflitos e as manifestações patológicas.

No início dos anos 20, como decorrência das novas dificuldades apresentadas pela clínica, desta vez ao revelar formas repetitivas de sofrimento que apontavam para a compulsão à repetição e para a fixação na dor, Freud (1920/2010c) postula a existência da pulsão de morte. Tal conceito se impõe como necessário à compreensão da existência de um "além do princípio de prazer" denunciado pelas observações clínicas. Passa, então, a compor o dualismo pulsional, sendo uma tendência contrária à pulsão sexual ou de vida (Eros). Esta, além de estar voltada ao objeto, possui um quinhão investido no próprio Eu.

O caráter conservador e regressivo da pulsão de morte levou Freud (1920/2010c) a especular que este seria o impulso mais primitivo e original do ser vivo, tendo a pulsão sexual se manifestado apenas posteriormente, frente aos obstáculos que a vida impunha ao retorno ao inorgânico. Segundo David-Ménard (2015), Freud denomina "pulsão de morte" um horizonte original contra o qual lutaria a "ligação desprazerosa" que se produz na proximidade de um risco de morte ou de total colapso do aparelho

psíquico. O "além do princípio de prazer", manifesto através dos fenômenos da compulsão à repetição, corresponderia a essa "ligação precária" (ou tentativa de dominação das cargas excitatórias) que não visaria, ainda, ao equilíbrio prazeroso, mas, sim, à luta contra o desligamento máximo imposto pelas forças regressivas, de dissolução e desintegração dos vínculos estabelecidos por Eros.

Em um de seus últimos escritos técnicos, Freud propõe ser necessário dar visibilidade às manifestações e aos inúmeros fatos da vida psíquica normal que exigem uma explicação que considere a atividade da pulsão de morte (Freud, 1937/2018), evitando iluminar apenas a dimensão patológica e a tendência final à morte de tal atividade psíquica. Nathalie Zaltzman (1979/1994) foi uma autora que levou muito adiante tal proposta originalmente freudiana. Para a psicanalista, "[...] falar de uma pulsão de morte única, cega, mortífera, só funcionando numa direção – contra a vida – trai a importância do conceito e a expansão do funcionamento desta categoria pulsional" (Zaltzman, 1979/1994, p. 59).

Scarfone (2011) indica que, com a pulsão de morte, a preocupação maior de Freud teria sido inserir a morte na vida e não apenas especular um substancialismo, uma polaridade entre uma força de vida e outra de morte. E Zaltzman (1979/1994) acompanha Freud neste aspecto, mas com uma certa diferença. No pensamento da autora, a morte não é apenas o contrário, tampouco o fim, da vida. Tânatos, termo priorizado pela psicanalista ao se referir à pulsão de morte, também estaria a serviço da vida. Em "A pulsão anarquista", Zaltzman (1979/1994, p. 59) propõe reconhecermos, ao lado das vias banalizadas, "outras formas 'demoníacas' da pulsão de morte que contribuem à vida psíquica e não à destruição". Esta seria a primeira transgressão no que se refere ao pensamento da autora, marcando profundamente toda sua trajetória.

Trata-se de conceber formas de atuação de Tânatos que visam à ruína de relações fixas, aprisionadas a uma identidade unificante, asfixiante, com o objetivo de "[...] abrir uma saída vital onde uma situação crítica se fecha sobre um sujeito e o destina à morte" (Zaltzman, 1979/1994, p. 61-62). Não significaria a desconsideração da dimensão mortífera dessa pulsão, mas a possibilidade de esta também atuar na resolução de situações de urgência subjetiva, quando a ameaça de morte se impõe de forma avassaladora ou intensificada. Seriam vivências nas quais o sujeito está exposto ao risco

real de morte, de empobrecimento subjetivo, de inércia psíquica. Em algumas situações, a morte já se apresentaria como certa ou, por estar esquecida em decorrência de um amor totalitário, também constituiria um risco pois, psiquicamente negada, abriria vias reais para se satisfazer, se realizar.

Como nos afirma Zaltzman (1979/1994), o ambiente mental, político ou natural, com o qual um indivíduo (ou uma comunidade) estabelece relações, pode anular a sua alteridade e torná-lo refém de uma potência arbitrária. Situações assim podem ter início nos laços libidinais, quando uma das partes constituintes da relação chega ao ponto de exigir que a outra viva a seu modo. A evasão libidinal desse "outro", via deslocamento de investimentos ou recuo narcísico, pode ser inoperante e fragilizá-lo ainda mais.

Em conformidade com essa proposição, Pontalis (1988/2008) também reconheceu que, muitas vezes, a distância mínima necessária entre o ego e um objeto dá lugar a uma "possessão", quando um corpo estranho interno invade incessantemente, violentamente, o espaço egoico. Exerce uma dominação de dentro, parecendo fazer as vezes da própria pulsão. Em contrapartida, haveria o esforço enfurecido de controlar este corpo estranho, expurgando-o para o lado de fora. O autor trata como uma "pulsão de dominação" que visa a posse do objeto como se fosse uma presa, aparecendo com um teor não sexual, como se a pulsão sexual estivesse confiscada pelo objeto interno prevalente, invasor. Ao sujeito só resta reagir.

A ação aniquiladora que pode transformar uma situação como esta, "arruinando-a" e fazendo eclodir sua fixidez mórbida, seria obra de uma categoria de pulsão de morte. Por esse motivo, Zaltzman (1979/1994) a nomeia "pulsão anarquista". Na condição de "anarquista", tal força permite a assunção de uma postura de resistência, rebelião, insubmissão contra poderes repressivos e de destruição psíquica. "Numa relação de forças sem saída, só uma resistência nascida das próprias fontes pulsionais de morte pode afrontar a ameaça de perigo mortal" (Zaltzman, 1979/1994, p. 64). Paradoxalmente, o movimento anarquista extrairia a sua força da pulsão de morte, remetendo-a contra si própria e sua destruição.

Em um debate sobre a obra de Zaltzman, Tysebaert (2011) nos relembra uma personagem da literatura e cinema contemporâneos que ilustra com exatidão o que seria uma vida submetida a poderes repressivos na qual a pulsão anarquista assume o papel

de insubmissão à morte. Trata-se de Lisbeth Salander, heroína da trilogia *Millenium*, de Stieg Larsson (2007), jovem associal, marginal, às vezes violenta, cuja vida se desencadeia sob os auspícios da transgressão, com a finalidade de exorcizar o perigo mortal derivado de forças internas e externas.

Lisbeth conheceu precocemente a dureza extrema que Zaltzman (1979/1994) chamou experiência-limite. Rotulada erroneamente de esquizofrênica e como um risco à sociedade, foi internada por um longo período em um hospital psiquiátrico infantil, submetida a toda sorte de abusos. Quando liberada do internato, passou a viver de forma nômade, sem fixar-se a lugar algum nem construir laços duráveis. Estes se constituíam apenas eventualmente e sob a ameaça de ruptura iminente. A lucidez do risco, a capacidade de se antecipar, o desafio à ordem e à autoridade seriam todas marcas da atividade de desligamento da pulsão de morte que comparecem em Lisbeth, na defesa de uma sobrevivência que superaria a morte psíquica (Tysebaert, 2011).

Ao longo da trama, revelam-se mais elementos que explicam a atitude da heroína. Seu pai era um assassino inescrupuloso que traficava mulheres, representando a figura do pai primevo, possuidor do poder absoluto. Lisbeth instaura um duelo de morte com ele, que tenta de todas as formas eliminá-la. Com o auxílio de um filho ainda mais violento, este pai chega a enterrar a protagonista acreditando tê-la assassinado, mas ela sobrevive e volta a afrontá-lo, com o último recurso de energia sobrevivente. O filme, segundo Tysebaert (2011), é uma verdadeira alegoria da energia mobilizada pela pulsão anarquista.

Beetschen (2011) esclarece que a pulsão anarquista exerce sua atividade de desligamento contra quaisquer situações de domínio mortal. Domínio de Eros e da pulsão de morte, do outro ou de si mesmo, da destrutividade de massa e/ou até da autocracia e autossuficiência do Eu. Os impasses do narcisismo também podem ser alvos contra os quais se voltaria tal força. Quando não há espaço para identificação a outros humanos ou para o amor, a pulsão anarquista asseguraria a permanência da ligação à comunidade humana, fazendo frente a um narcisismo totalitário.

As relações fixas, aprisionantes, podem se estabelecer por diversos motivos, com ou sem o consentimento do sujeito. De algumas delas seria impossível evadir-se. Zaltzman (1979/1994) destaca duas vivências que, por motivos diferentes, se

constituem como experiências-limite: a sobrevivência nos campos de concentração e a vida dos esquimós de Thulé, região gélida do Ártico. São exemplos nos quais o humano se encontraria à beira de uma situação psíquica urgente, por escolha própria ou imposição de outrem, a qual não poderia atravessar ou afrontar sem prejuízo mortal. Nestes casos, a pulsão anarquista, impedida de impugnar diretamente a relação, se manifestaria como resistência à morte, comportando em si a escolha por sobreviver. Resistir, nesse caso, seria reduzir investimentos, alimentar-se de restos de comida como faziam os concentrados, suportar a degradação na perspectiva e esperança de liberação da humanidade em um momento posterior. A força de insistência na vida, presente naqueles que não sucumbem a um regime totalitário e avassalador, proveria principalmente da pulsão anarquista.

Um aspecto que Zaltzman (1979/1994) destaca, quando essa força emerge em situações de precariedade absoluta, é a prioridade do registro da necessidade no tocante ao registro do desejo. Nos campos de concentração, por exemplo, o sujeito era forçado a reconhecer-se apenas como objeto de extermínio. A resistência a tal desumanização exigiria o investimento prioritário do registro das necessidades, de modo a honrar a condição humana. Quando forças assassinas governam uma vida, sobreviver não admitiria ternuras. A simpatia e a amizade, nesse contexto particular, seriam consideradas atuações irresponsáveis. Inevitavelmente, as organizações de desejo cederiam lugar à crueza da necessidade. Antelme (1957/2013), ao testemunhar a vida nos campos de concentração, atesta que, reduzida à extrema crueza da necessidade, o homem constataria que não precisa de nada além da sobrevivência. A necessidade se resume à urgência de viver. O funcionamento mental assumiria, em tais condições, formas peculiares e específicas.

Ao comentar a obra de Zaltzman, Guarnieri (2011) observa que, em determinados contextos, a pulsão anarquista põe em primeiro plano a valência vital do desligamento, liberando o sujeito de ligações internas obsoletas, fazendo restar apenas a ligação básica e nuclear à vida. É o ponto em que a identificação sobrevivente entra em jogo. Se todas as outras ligações foram rompidas, destruídas, anuladas, resta apenas uma, fundamental à possibilidade de sobreviver: a ligação ao conjunto humano.

Os exemplos de vidas submetidas à tirania do outro são alegorias precisas das quais Zaltzman (1979/1994) lança mão para esclarecer a atividade da pulsão anarquista. Mas devemos lembrar que o horizonte de seu pensamento é a clínica. Na experiência da análise, o analista deve reconhecer que, nas experiências-limite, o engajamento, a construção de laços, constitui um risco fatal para o sujeito. É preciso, então, respeitar a dimensão de ruptura da atividade "cortante" da pulsão anarquista. Essa pulsão garantiria a lucidez necessária frente a situações dramáticas, transformando o ímpeto de destruição em resistência à morte.

A solidão e a fragilidade de laços afetivos traduziriam o fato de a sobrevivência ser um triunfo sobre a destruição, constituindo a última garantia de manutenção da vida. Ao se exceder na tentativa de fortalecer os vínculos de afeto, a começar pela relação transferencial, o analista pode aguçar resistências e antecipar um rompimento por parte do analisando, pondo fim ao trabalho. O ímpeto libertário é antissocial. É sua associabilidade que detém, mesmo no pensamento analítico, seu estigma demoníaco, trágico. Mas é dele a "última força de resistência contra situações de domínio unificador, ilusoriamente idílico, dulcificante e nivelante do amor ideológico" (Zaltzman, 1979/1994, p. 66). O analista, por conseguinte, deve estar atento a esse movimento.

Com base no panorama exposto acima, pode-se dizer que a pulsão anarquista é o estandarte do pensamento transgressivo de Zaltzman. Mas as transgressões, bem como o anarquismo, nos contextos em consideração, remetem à conservação, à manutenção em vida. Na clínica e na história, os exemplos que a autora traz indicam tentativas desesperadas de o sujeito encontrar uma saída para sobreviver, ainda que, nesse percurso, ele chegue ao próprio fim, alcance a própria extinção.

As manifestações clínicas sob a égide da pulsão de morte são comuns na literatura analítica: adicção, bulimia, anorexia, façanhas físicas em busca dos limites do esgotamento, fascinação por exposição ao perigo, confronto aos limites da resistência física. São todas expressões clínicas que Zaltzman (1979/1994) não concebe a possibilidade de intervir sem presumir a atividade da pulsão de morte. Contudo, apesar do flerte com a destruição total, a autora considera que, psiquicamente, é a dimensão de sobrevivência que tais manifestações revelam. A sobrevivência seria a procura, o fim

original. “O recurso aos limites do corpo é, às vezes, o único que resta a um sujeito para se subtrair ao excesso de ascendência mental de um outro, [...] potencialmente mortífera, porque exclusiva de uma escolha ou de uma recusa da vida apropriada por um outro que não o sujeito” (Zaltzman, 1979/1994, p. 50).

A psicanalista nos questiona, contudo, se podemos qualificar alguns destes destinos como patológicos. Se refere àquelas pessoas que só conseguem sentir gosto pela vida através do risco. Ao mesmo tempo, dentre elas estão as que realizam façanhas incompatíveis com as trajetórias daqueles que se pautam em uma vida estável, segura, evitando todo tipo de risco. Quando alguém procura uma análise com questões dessa ordem, o perigo de morte teria superado o poder de fazê-lo uma forma de vida.

Em outros casos, como nas anorexias e bulimias, ainda segundo Zaltzman (1979/1994), poderia se tratar de uma resistência à anulação de si, que se manifesta tanto pela greve de uma função vital quanto pela greve do apetite de viver na esfera psíquica. Por essa via, uma das possíveis formas de expressão da pulsão anarquista, o anoréxico procuraria superar a experiência-limite que o impeliu a reclusões tão severas. Na tentativa de se desfazer do “alimento-amor”, parental e “obrigatório” que anularia a si próprio, romper-se-ia a apetência pela vida. Em resistência a contingências adversas de relações objetais fundamentais, esta “cessação de si” incitaria a greve de funções vitais e mentais. Tragicamente, o anoréxico poderia morrer ao tentar viver (Zaltzman, 1979/1994).

Enfim, cabe observar que o encontro com a morte, nessas circunstâncias, não se dá por uma via direta, sustentada por uma tendência pulsional, regressiva, à extinção. A pulsão anarquista não se reduziria a esse postulado clássico. Por conta disso, podemos nela inferir uma transgressão, conceitual e fenomenológica. A partir de tal categoria, Zaltzman oferece uma perspectiva diferenciada para a compreensão da pulsão de morte, uma espécie de dimensão negligenciada da mesma que, pela via do desligamento, procura manter o sujeito ligado à vida.

Segunda transgressão: o trabalho de cultura em ruptura com o progresso civilizatório

Notadamente, após a publicação de seu primeiro ensaio em 1979, o termo "pulsão anarquista" deixa de ser mencionado em escritos posteriores de Zaltzman. Todavia, a ideia nele contida resta, sem dúvida, recoberta por outras proposições, das quais é possível destacar a leitura que ela estabelece para o termo "trabalho de cultura" nos ensaios freudianos. Sua articulação tem início quando se mostra inquieta frente ao pessimismo trazido por Freud (1930/2010d) em "O mal-estar na civilização".

Essa proposta é encontrada principalmente em três publicações: "*Le normal, la maladie et l'universel humain*" (Zaltzman, 1996), onde é abordado o tema do adoecimento neurótico; em "*Le mal: un tabou culturel*" (Zaltzman, 2007/2009); e no livro "*L'Esprit du mal*" (Zaltzman, 2007), cujo interesse teórico é a dimensão do "mal" no humano. Nestes dois últimos, interroga sobre qual esperança poderíamos ter se o projeto de uma sociedade vivendo em conjunto e de modo harmonioso é indefinidamente exposto ao adoecimento e à autodestruição.

Essencialmente, o que a autora pretende evidenciar em tais ensaios (Zaltzman, 1996, 2007/2009, 2007) é a seguinte hipótese teórica: o salto operado pelo ganho cultural é transgressivo em relação aos interditos do pensamento e às ilusões impostas pela civilização. Distingue assim os trabalhos de cultura e de civilização. O primeiro seria transgressivo pois, frente ao mal inerente ao humano, escolheria o caminho oposto àquele tomado pela moral civilizada. Em vez de negá-lo e afastá-lo, o acolheria, conferindo a ele um lugar na constituição do Eu e no universo simbólico coletivo. Analisaremos, a seguir, essa distinção e proposição transgressivas.

Nos remetendo à 31ª Conferência Introdutória, "A dissecção da personalidade psíquica", na qual Freud (1933/2010e) propõe uma definição diversa da que encontramos em seus ensaios anteriores para o termo *Kulturarbeit* ["trabalho de cultura"], Zaltzman (2007) acredita ter ele chegado a conclusões mais otimistas do que, por exemplo, aquela de "O mal-estar na civilização" (Freud, 1930/2010d), onde estabelece a neurose como resultado do processo civilizatório. Neste caso, o preço a se pagar pelas inúmeras conquistas possibilitadas pela convivência em grupo e pelos avanços em bens culturais nas diversas áreas seria a renúncia pulsional de cada indivíduo, resultando no adoecimento neurótico.

Na "Conferência 31" (Freud, 1933/2010e), *Kulturarbeit* se afasta da significação anterior e se especifica como processo de transformação filo e ontogenética. Designa as trocas que se passam entre Id, Eu e Supereu no aparelho psíquico. Aproxima-se daquilo que ocorre durante um tratamento psicanalítico e das mudanças consecutivas à evolução da sociedade tornadas patrimônio cultural. Trata-se dos efeitos produzidos no sujeito pelo acesso de determinados conteúdos à consciência, de modo que "(...) *onde era Id, há de ser Eu. É uma obra cultural como o aterro do Zuydersee, digamos*" (Freud, 1933/2010e, p. 223). A intenção da obra cultural, de modo similar ao processo de análise, seria fortalecer o Eu, tornando-o mais independente do Supereu, ampliando seu âmbito de percepção e melhorando sua organização, de maneira que possa apropriar-se de novas parcelas do Id.

Embora Freud (1927/2014), em "O futuro de uma ilusão", tenha se recusado a distinguir os termos *Kultur* – que, na língua alemã, admite significar algo interior – de *Zivilisation* – referido a algo externo –, Zaltzman (2007) aponta nos textos do autor definições que permitem reagrupar os resultados de dois processos distintos, perspectiva na qual "trabalho de cultura" não coincidiria com "trabalho de civilização". Se, em 1930, *Kultur* aparece englobando componentes sociais, de educação, índices civilizatórios, na Conferência 31 (Freud, 1933/2010e) se destaca como processo de elaboração intrapsíquica e transindividual da experiência do sujeito, modificando seu desenvolvimento e a evolução do conjunto humano.

Zaltzman (2007) compreende o "trabalho de civilização" de maneira mais próxima ao que Freud propõe em "Mal-estar na civilização" (1930/2010d), assemelhando-o ao trabalho da história, uma vez que, como ela, retém as modificações surgidas no conjunto humano e as transmite a cada indivíduo. Os bens comuns, constituídos através de inúmeras renúncias individuais, caracterizariam cada civilização, cada época e seu estilo próprio, suas invenções, aquisições intelectuais, filosóficas, religiosas e científicas, entre outras. Como esses bens exercem uma influência sobre o curso da história e das civilizações, uma confusão se imporia entre os produtos da civilização e o movimento da cultura.

Ao considerar haver diferença de resultados entre os dois processos, Zaltzman (2007) propõe que a ideia de civilização remete à manutenção da coesão e conservação

do grupo, se sobrepondo ao bem-estar individual, exigindo sacrifícios de seus cidadãos. O adoecimento que Freud (1930/2010d) atribui à civilização estaria, então, justamente vinculado à idealização de funções protetoras e pacificadoras, fruto da relação transferencial estabelecida pelo sujeito com suas figuras tutelares e demais ideais de comunidade. Sociedade e civilização seriam, consequentemente, solidárias à manutenção da unidade coletiva, com ou sem satisfação dos interesses individuais, tendo o recalque como efeito e aliado.

Reserva-se, assim, à civilização ser solidária da moral e do adoecimento neurótico, tributária da renúncia pulsional à qual Freud (1930/2010d) atribui valor civilizatório. A psicanálise, por sua vez, não poderia ser indiferente à distinção entre os progressos civilizatório e cultural, uma vez que visaria à transformação de elementos inconscientes singulares em língua admissível pelo grupo. A análise participaria, no limite, de uma reapropriação do indivíduo pela massa. Ou seja, de uma possibilidade de compartilhamento e expressão dos próprios desejos e singularidades. Mas, por ser solidária à fragmentação, aos desligamentos, às crises das certezas, não se sintonizaria com a civilização e o adoecimento neurótico (Zaltzman, 2007).

Desse modo, a autora (Zaltzman, 2007) propõe que, enquanto instância de lucidez psíquica, o trabalho de cultura contribuiria de maneira menos ilusória à ética e à moral do que o Supereu cultural. O progresso operado pelo trabalho de cultura repousaria na ampliação do conhecimento e consciência de si e do grupo. Não se trata, para ela, de sobrepor as duas ordens de conquista operadas por cada processo, cultural e civilizatório, mas, sim, de especificar o progresso advindo do trabalho de cultura e sua obra de humanização.

De maneira similar à pulsão anarquista, o trabalho de cultura comportaria um viés de afronta a tendências autoritárias, abrindo espaço no campo das representações ao que é rejeitado, recusado e negado como constitutivo da dimensão humana. O mais temeroso traço do psiquismo humano seria o "mal". A sua negação operaria em ampla escala nas mais diferentes subjetividades. O problema localizado por Zaltzman (2007) estaria referido ao fato de que, ao negar-se essa dimensão constitutiva, fomentar-se-ia a sua irrupção e erupção por vias múltiplas, que não se restringiriam de modo algum à esfera psíquica.

Portanto, demarcar a diferença entre os processos cultural e civilizatório cumpriria o objetivo de franquear o acesso à dimensão da maldade como parte essencial da condição humana. Isto seria necessário por uma série de motivos. Em todas as épocas e definições, o que haveria de comum quanto ao mal, para Zaltzman (2007) é o sofrimento que ele inflige ao próprio sujeito ou a um outro. É assim que ainda hoje identificamos o mal. Logo, designa algo que não deve ter lugar, sendo um evento cujo agente ativo é um humano e sua consequência é uma ofensa à vida, ao corpo, ao espírito de um indivíduo ou de uma coletividade, ou mesmo ao futuro da humanidade.

Logo, Zaltzman (2007) defende a seguinte hipótese: a "dificuldade em pensar sobre o mal é um ponto umbilical, fonte do que se repete sem se fazer objeto de transformação, verdadeiro impasse, embora seja uma dimensão constitutiva do humano" (Zaltzman, 2007, p. 69; tradução nossa). Como consequência dessa incapacidade em ser pensado, a consciência só o perceberia como existência exterior, ao comparecer sob a forma manifesta de ato – como fato evidente, exteriorizado, atuado.

Similarmente, partindo do campo filosófico, Rosenfield (1988) aponta haver dificuldade em formular conceitualmente o mal como uma das dimensões do humano. Este impasse residiria no fato de que, em sua acepção filosófica, o mal vem significar uma experiência-limite, pondo em questão o que entendemos por natureza humana. Remete a um despreparo do aparato psíquico para dar conta de uma forma má, inclusive maligna, da ação e da realidade humanas. O desafio lançado pelo mal seria o de se adequar a uma forma de pensamento que não sucumbisse a suas contradições, estas sendo resultado da tentativa de identificar pensamento e realidade. A contradição, todavia, seria evitada ao tomarmos o mal como um conceito prático, que procura apreender uma dimensão essencial do agir humano, ainda que pareça aterrorizadora. "Não se conjura o mal retirando-o de nosso universo de pensamento" (Rosenfield, 1988, p. 127).

Em sua leitura de "*L'esprit du mal*" (Zaltzman, 2007), Villa (2011) destaca o reconhecimento de um retorno, através do mal, de uma verdade psicológica que os ideais e mandamentos criados pela civilização tentaram negar à cena psíquica e a outros cenários externos. O autor sublinha o convite que Zaltzman faz aos psicanalistas a considerar a dimensão do mal em seu trabalho cotidiano e em sua teorização. Caso

contrário, deixariam de fora do trabalho analítico aquilo que, no interior da cena psíquica individual, é coletivo e impessoal – o que Zaltzman (2007) considera, na verdade, o núcleo do psiquismo, que não se submete a transformações e insiste sob a forma de mal.

Segundo a autora, a noção de mal não é equivalente nem substituível pela noção de pulsão de morte apenas, tampouco pelas noções de pulsão sádica e de crueldade primitiva, embora as duas possam ser a sua fonte. O mal estaria à frente. Pois, para o funcionamento pulsional ser transformado em mal, seria necessária a participação do julgamento moral, a participação do Eu, que transformaria em prazer a descarga pulsional, injetando libido à perda de senso, à instauração do caos, com ou sem a angústia do "fazer mal". O mal teria o poder de emprestar a seu fim próprio todas as formas de ligação psíquica, ou seja, todas as representações alimentadas pelas correntes pulsionais de vida e de morte.

Foi justamente esta concepção de mal que levou a psicanalista a retomar, em seu derradeiro escrito (Zaltzman, 2007), o conceito de trabalho de cultura como possibilidade de ampliar o entendimento que se tem do progresso da humanidade. Ela propôs depreender de tal noção o fato de a evolução do ser humano portar os mesmos movimentos de avanço e recuo que operam em uma análise individual. A psicanalista considera a hipótese de que a progressão no psiquismo, verificada regularmente pelo processo de análise, reencontraria sempre a objeção de uma constante não evolutiva da condição humana: a dimensão do mal, irremediável e inamovível.

No entanto, para Zaltzman (2007), determinadas posições analíticas denotariam total falta de interesse pela noção de trabalho de cultura. Ela nos remete, nesse contexto, à indignação dos primeiros discípulos freudianos quanto ao surgimento do conceito de pulsão de morte em 1920, tomando-o exclusivamente como mortífero, enquanto Eros seria salvador – demonstração de uma moralização derivada do pensamento teórico.

Na contramão dos preceitos morais, religiosos, éticos e até mesmo daqueles presentes em determinados círculos analíticos, que pretendem negar e excluir da dimensão humana sua esfera maléfica, o trabalho de cultura ofereceria a perspectiva de transpor em conhecimento compartilhável o que é pura pulsão, evitando sua irrupção em ato, o que o aproximaria do trabalho realizado em um processo analítico.

Não obstante, faz-se necessário considerar que uma parte do mal, bem como de qualquer outra forma de adoecimento psíquico, restaria intratável, resistente, estrangeira aos meios de elaboração possíveis pelo trabalho de cultura. A hipótese de um núcleo do mal não transformável seria, no olhar de Zaltzman (2007), a última possibilidade de se pensar sobre ele. "Nem a figura de Cristo que recapitula as soluções inventadas pela humanidade para se livrar do mal cumpre tal missão. Nem a via coletiva, política, cristã, o amor de Deus ou o temor a ele desenham uma saída decisiva à vocação humana para o mal" (Zaltzman, 2007, p. 102; tradução nossa).

Seguindo o realismo crítico de Freud, as reflexões de Zaltzman (2007) nos parecem muito lúcidas e não garantem muito otimismo quanto ao futuro da humanidade. O mal, esclarece a psicanalista, pode transformar uma sociedade civilizada em massa, em horda sem pai nem tabu. O ódio sem ambivalência se torna aliança entre indivíduo e grupo, animado pela exaltação da força, do terror e da crueldade. É o limite da construção simbólica, restando um desconhecimento, um pulsional que pode eleger vias de manifestação violentas e mortíferas, sobretudo nas experiências grupais. Revela-se, assim, o jogo de forças que habita o humano, não apenas como indivíduo, mas como um organismo psíquico vivo maior que é a massa. Condições históricas particulares podem produzir amálgamas inéditas, engendrando neo-realidades herméticas aos espíritos críticos.

Ao encerrar sua última obra, Zaltzman (2007) propõe, mediante o trabalho de cultura, o esforço de admissão por parte da humanidade desta dimensão constitutiva e maléfica, concomitantemente íntima e estranha às fronteiras egoicas de cada indivíduo. Mais do que uma ideia periférica em relação ao desenrolar de uma análise, o mal é um dado central do psiquismo. Ignorá-lo como estrangeiro ao campo psicanalítico significaria instaurar um enclave de pensamento-tabu no seio da metapsicologia das práticas de mudança da vida psíquica, ignorando uma dimensão invariante da espécie. Somente identificando-a seria possível nomeá-la e trazer à consciência sua mórbida repetitividade.

Considerações finais

Com base no percurso realizado neste artigo, demonstramos como o pensamento de Nathalie Zaltzman revela dimensões transgressivas do funcionamento da pulsão de morte e do processo civilizatório. A transgressão pode assim ser considerada o fio condutor que coaduna a obra da autora desde o início em 1979 até os seus últimos escritos em 2007.

Numa leitura estrita, Freud (1920/2010c, 1930/2010d), ao introduzir a noção de pulsão de morte, a apresentou como um impulso individualista, virtualmente agressivo, destruidor, cujos desligamentos conduziriam o sujeito, no limite, à morte física e psíquica. Zaltzman (1979/1994) propôs um viés anárquico dessa pulsão, no qual em situações-limite e/ou adversas a ação de desligamento sustentaria a manutenção do sujeito em vida. Desse modo, alertou sobre o possível reducionismo em atribuir uma positividade e negatividade *unilaterais* à pulsão de vida e de morte, respectivamente.

Em consonância com essa proposição, em escritos posteriores, a autora (Zaltzman, 2007) defendeu que o trabalho de cultura, diferentemente dos esforços civilizatórios, pretenderia assimilar representações frequentemente excluídas da experiência humana compartilhada e reconhecida. Entre elas, destacou a experiência do mal, possivelmente uma das mais preteridas e silenciadas no âmbito dos ideais que regem a humanidade. Essencialmente, o trabalho de cultura, de modo similar à pulsão anarquista, portaria em seu movimento certa violação de imposições autoritárias, totalitárias e usurpadoras da singularidade de cada indivíduo.

No pensamento de Zaltzman (2007), a psicanálise, alinhada ao trabalho de cultura, deveria insistir, a despeito dos obscurantismos do pensamento ilusório e das falsificações da realidade para o agir humano, em transformar a experiência subjetiva de cada indivíduo em um conhecimento comum, capital compartilhável. A realidade e a razão teriam no exercício psicanalítico um estatuto distinto daquele que lhes confere o pensamento religioso ou o pensamento filosófico.

> Neste sentido, a cura psicanalítica procuraria abrir uma via de expressão e reconhecimento a todas as forças que operam no psiquismo. Desde seu primeiro trabalho, a autora apontou essa direção da análise: “Onde impera a pulsão de morte (...) a análise deveria sustentar este trabalho de liberação, ao invés de dissimulá-lo em novas associações” (Zaltzman, 1979/1994, p. 74).

Enfim, a abordagem do mal mediante o trabalho de cultura denota o compromisso da autora com um pensamento que não se submete exclusivamente à moral civilizada, ao totalitarismo que quer excluir determinados aspectos constitutivos do humano. É a aposta na lucidez como via de progresso da humanidade, o que só poderia ser conquistado por meio de transgressões aos limites e recalques impostos pela via civilizatória.

Referências

Beetschen, A. (2015). Le défi de la déliaison. In: *Psyché anarchiste – Débattre avec Nathalie Zaltzman*. Paris: Presses Universitaires de France (Trabalho original publicado em 2011).

Birman, J. (2009). *As pulsões e seus destinos. Do corporal ao psíquico*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

David-Menard, M. (2015). Como ler Além do princípio do prazer? In: *Reverso*, Belo Horizonte, v. 37, n. 69, p. 99-112, jun.2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952015000100011&lng=pt&nrm=iso.

Freud, S. (2010a). Introdução ao narcisismo. In: *Sigmund Freud, obras completas* (Vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Cia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (2010b). Os instintos e seus destinos. In: *Sigmund Freud, obras completas* (Vol. 12, pp. 51-81). São Paulo: Cia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (2010c). Além do princípio do prazer. In: *Sigmund Freud, obras completas*, (Vol. 14, pp. 161-239). São Paulo: Cia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (2010d). O Mal-estar na civilização. In: *Sigmund Freud, obras completas* (Vol. 18, pp. 13-123). São Paulo: Cia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).

Freud, S. (2010e). Novas conferências introdutórias. Conferência 31: A dissecção da personalidade psíquica. In: *Sigmund Freud, obras completas* (Vol. 18, pp. 192-223). São Paulo: Cia das Letras (Trabalho original publicado em 1933).

Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do Eu. In: *Sigmund Freud, obras completas* (Vol. 15, pp. 13-99). São Paulo: Cia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).

Freud, S. (2012). Totem e tabu. In: *Sigmund Freud, obras completas* (Vol. 11, pp. 13-155). São Paulo: Cia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912-13).

Freud, S. (2013). Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico. In: *Sigmund Freud, obras completas* (Vol. 9, pp. 313-323). São Paulo: Cia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910).

Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. In: *Sigmund Freud, obras completas* (Vol. 17, pp. 231-301). São Paulo: Cia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927).

Freud, S. (2017). *Manuscrito inédito de 1931*. São Paulo: Blucher. (Trabalho original publicado em 1931).

Freud, S. (2018). Análise terminável e interminável. In: *Sigmund Freud, obras completas* (Vol. 19, pp. 274-326). São Paulo: Cia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1937).

Golding, W. (1954). *O senhor das moscas*. São Paulo: Nova Fronteira, 2011.

Green, A. (1988). Por que o mal? In: *A loucura privada: psicanálise de casos-limite* (pp. 335-362). São Paulo: Escuta, 2017.

Guarnieri, R. (2015). Nathalie Zaltzman: une pensée anarchiste à l'epreuve de l'histoire. *In Psyché anarchiste – Débattre avec Nathalie Zaltzman*. Paris: Presses Universitaires de France (Trabalho original publicado em 2011).

Larsson, S. (2015). *A menina que brincava com fogo*. In: Millenium (Trilogia). São Paulo: Cia das Letras.

Pontalis, J.B. (1991). Não, duas vezes não. In: *Da fantasia de recuperação do objeto perdido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (Trabalho original publicado em 1988).

Rosenfield, D. L. *Do mal. Para introduzir em filosofia o conceito de mal*. São Paulo: LePM Editores, 1988.

Scarfone, D. (2015). Besoin, emprise, 'regression' e anaechie. In: *Psyché anarchiste – Débattre avec Nathalie Zaltzman.* Paris: Presses Universitaires de France (Trabalho original publicado em 2011).

Tysebaert, E. (2015). Tremper sa plume dans la vie. In *Psyché anarchiste – Débattre avec Nathalie Zaltzman.* Paris: Presses Universitaires de France (Trabalho original publicado em 2011).

Zaltzman, N. (1994). *A pulsão Anarquista*. São Paulo: Escuta (Trabalho original publicado em 1979).

Zaltzman, N. (1996). Le normal, la maladie et l'universel humain. In: *Revue Française de Psychanalyse*, vol. 60-4, L'épreuve du changement, 1123-1135. Paris: PUF.

Zaltzman, N. (1998). Baiser la mort? In: *De la guérison psychanalytique*. Paris: Collection Epîtres, PUF (Trabalho original publicado em 1986).

Zaltzman, N. (2007). L'Esprit du mal. In: *Revue Penser/rêver*. Paris: Éditions de l'Olivier.

Zaltzman, N. (2008). Une volonté de mort. In: *Revue Topique 100*, textes essentiels, pp. 85-102 (Trabalho original pulicado em 1988).

Zaltzman, N. (2009). Le mal: un tabou culturel. In: *Mal, maladie, malaise. Annuel 2009 – Association Psychanalytique de France,* 153-172. Paris: PUF (Trabalho originalmente publicado em 2007).

Submetido em dezembro de 2018
Aceito em junho de 2019